

# Marcas diassistemáticas em dicionários escolares do tipo 4: um estudo metalexigráfico

Larissa Santos da Silva Bibo (UFMS)\*

<https://orcid.org/0000-0002-1249-0911>

Renato Rodrigues Pereira (UFMS)\*\*

<https://orcid.org/0000-0001-9870-3780>

## Resumo:

Neste trabalho, apresentamos o resultado de um estudo que teve como objetivo geral verificar como se dá o tratamento lexicográfico dado às marcas diassistemáticas em dois dicionários escolares de tipo 4, que foram selecionados no contexto do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2012), quais sejam: Bechara (2011) e Aulete (2011), como forma de enfatizar a importância desse tipo de registro em dicionários dessa tipologia. Para tanto, ao orientarmos-nos por princípios teóricos e metodológicos da Lexicografia e de uma de suas vertentes, a Lexicografia Pedagógica, estabelecemos os seguintes objetivos: i) realizar breve revisão bibliográfica sobre o conceito de marcas de uso, como forma de situar nosso objeto de análise; ii) verificar, na estrutura lexicográfica de cada obra, se há informações sobre as marcas diassistemáticas, assim como, no caso de positivo, se os registros possuem coerência entre si. As análises demonstraram que, por um lado, o dicionário Aulete (2011) possui uma maior quantidade de marcas diassistemáticas em relação ao Bechara (2011), o que demonstra ter havido um olhar mais atento a esse aspecto durante o labor lexicográfico; por outro, as reflexões apontam para a necessidade de mais pesquisas sobre o assunto, em especial sobre a problemática relacionada à representação diatópica nos dicionários.

**Palavras-chave:** Marcas diassistemáticas; Lexicografia Pedagógica; Dicionários.

## Resumen:

### Marcas diassistemáticas en diccionários escolares de tipo 4: un estudio metalexigráfico

\* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas/MS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2731385517533652>. E-mail: [lari.bertina4@gmail.com](mailto:lari.bertina4@gmail.com)

\*\* Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Curso de Letras Português/Espanhal; Programa de Pós-Graduação em Letras, mestrado e doutorado, Câmpus de Três Lagoas/MS (CPTL); Mestrado Profissional em Letras (CPTL); Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (FAALC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4384951472789863>. E-mail: [renato.r.pereira@ufms.br](mailto:renato.r.pereira@ufms.br)

En este trabajo, presentamos el resultado de un estudio que tuvo como objetivo general verificar el tratamiento lexicográfico dado a las marcas diassistemáticas en dos diccionarios escolares de tipo 4, que fueron seleccionados en el contexto del Programa Nacional del Libro Didáctico (PNLD 2012), a saber: Bechara (2011) y Aulete (2011), como forma de enfatizar la importancia de este tipo de registro en los diccionarios de esa tipología. Para tanto, nos direccionamos por los principios teóricos y metodológicos de la Lexicografía y de una de sus corrientes, la Lexicografía Pedagógica, establecimos los siguientes objetivos: i) realizar una breve revisión bibliográfica sobre el concepto de marcas de uso, como forma de situar nuestro objeto de análisis; ii) comprobar en la estructura lexicográfica de cada obra si existe información sobre las marcas diassistemáticas, así como, en el caso de positivo, si los registros tienen coherencia entre sí. Los análisis demostraron, por un lado, que el diccionario Aulete (2011) posee una mayor cantidad de marcas diassistemáticas en relación al de Bechara (2011), lo que demuestra haber tenido una mirada más atenta a esos aspectos durante la labor lexicográfica; por otro, las reflexiones apuntan a la necesidad de más investigaciones respecto al asunto, especialmente sobre la problemática relacionada a la representación diatópica en los diccionarios.

**Palabras clave:** Marcas diassistemáticas; Lexicografía Pedagógica; Diccionarios.

## Introdução

O léxico, entendido como o conjunto total de todas as palavras de uma língua, funciona como patrimônio linguístico de uma sociedade. Nele, identificamos reflexos da comunidade linguística em questão, a exemplo de características sociais, culturais, denominativas de determinada realidade concreta ou abstrata, entre outros.

O dicionário, gênero textual<sup>1</sup> em que nele se registra parcela do léxico de uma ou mais línguas, trata-se, pois, de um “[...] objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas [...]” (BIDERMAN, 1998, p. 16). Importante instrumento de consulta em contextos de ensino e de aprendizagem, ele resulta em um material didático<sup>2</sup> que

cumprir o papel de fornecer aos potenciais consulentes informações de diferentes ordens, a exemplo de aspectos relacionados à variação linguística. Esta, por sua vez, é representada por meio das marcas de uso e é registrada na microestrutura do dicionário como uma informação que indica o uso de uma unidade léxica<sup>3</sup> (UL), com a finalidade de auxiliar o consulente a compreender os contextos de uso em que essas variedades se aplicam.

Nesse enquadre, com este artigo, apresentamos o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo geral verificar, em uma perspectiva descritiva, como se dá o tratamento lexicográfico das marcas diassiste-

1 Pereira; Nadin (2019) discorrem sobre o dicionário e sua caracterização como um dos gêneros textuais que circulam na sociedade.

2 Sobre o conceito de *material didático* e sua aplicação ao dicionário, sugerimos a consulta de Eres Fernández (2010).

3 O termo *unidade léxica* costuma ser utilizado para se referir a um, dois ou mais significantes que juntos, em um discurso, possuem unidade de sentido. Sobre o assunto, conferir Biderman (2005), Morante Vallejo (2005), Rodrigues-Pereira; Zacarias, Nadin (2019).

máticas. Para tal, utilizamos dois dicionários escolares de tipo 4: Bechara (2011) e Aulete (2011), ambos selecionados no contexto do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2012), como forma de enfatizar a importância desse tipo de registro em dicionários dessa tipologia. Para as análises, partimos da busca por informações sobre marcas diassistemáticas nas referidas obras com base em seis UL pertencentes ao campo semântica<sup>4</sup> festa junina, quais sejam: sanfona, caipira, fogueira, bandeirinha, balão e quentão.

Com vistas a alcançar o objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: i) realizar breve revisão bibliográfica sobre o conceito de marcas de uso, como forma de situar nosso objeto de análise; ii) verificar na estrutura lexicográfica de cada obra se há informações sobre as marcas diassistemáticas, assim como, no caso de positivo, se os registros possuem coerência entre si. Para o alcance dos objetivos definidos, nos pautamos em princípios teóricos e metodológicos da Lexicografia e de uma de suas vertentes, a Lexicografia Pedagógica (LEXPED).

## Lexicografia: prolegômenos

A Lexicografia, ciência com princípios teóricos e metodológicos bem delimitados na atualidade, durante muito tempo, foi considerada uma arte ou técnica, ou ainda, a parte prática da Lexicologia. Esta, por sua vez, se ocupa de estudos diversos sobre o léxico, a exemplo daqueles que se relacionam ao período histórico em que determinada UL possui ocorrência em um determinado *cor-*

*pus* insitucionalmente localizada, ou ainda os relativos a aspectos morfológicos, fonológicos, sintagmáticos, usos linguísticos situados em regiões geográficas distintas, entre outros.

A Lexicografia, para além de considerar tais estudos, tem como foco o registro do léxico de forma organizada e em concordância com as necessidades do público-alvo da obra. Por isso que, no âmbito da Lexicografia, é preciso “[...] 1 Estudar repertórios lexicográficos numa perspectiva metalexicográfica. 2 Organizar corpus, analisar, descrever, selecionar, lematizar, ordenar, definir e registrar unidades léxicas de uma ou mais línguas em dicionários [...], para que assim possamos “3 Perpetuar o ontem e o hoje para que no amanhã tenhamos as memórias e sabedorias eternizadas por meio das palavras, em dicionários” (RODRIGUES-PEREIRA; COSTA, 2020, p. 7). Ou seja, a “ciência dos dicionários” (BIDERMAN, 2001, p. 17) se ocupa de problemas teóricos e práticos relacionados à elaboração de repertórios lexicográficos.

Porto Dapena (2002), por sua vez, ao discorrer sobre a Lexicografia explica o seu caráter científico, menciona duas áreas de estudo sobre o dicionário: i) os históricos e descritivos; e ii) aqueles que se preocupam com a metodologia para a confecção de dicionários, assim como a própria elaboração de dicionários. Nota-se, nesse entorno, que ambas áreas são alicerçadas de princípios teóricos coerentes com os objetivos dos dicionários em questão.

Em diferentes contextos, desde os acadêmicos aos mais diversos lugares em que um dicionário pode ser consultado, ele sempre ocupou um lugar de destaque, como importante material de consulta. No entanto, o que se percebe, é que nem sempre foi elaborado especificamente para o contexto de ensino e

4 Por *campo semântico*, compreende-se o conjunto de unidades léxicas pertencentes a um mesmo domínio conceitual que, por sua vez, se realiza dentro de um contexto socio-linguístico-cultural (COSERIU, 1981; GERMAN, 1986; MARTÍNEZ, 2033).

de aprendizagem. Ao que tudo indica, foi só a partir da década de 30 do século XX que, segundo Molina Garcia (2006), se dá início ao que hoje denominamos de LEXPED, quando houve o que o autor chamou de “revolução -lexicográfica-pedagógica”. Nesse sentido, tratou-se de uma mudança na prática lexicográfica em que os professores, M. West, H. E. Palmer e A. S. Hornby passam a entender o dicionário como um importante material pedagógico no ensino de línguas. Ademais, eles compreendem que uma obra lexicográfica para um estudante de língua estrangeira deve ser diferente daquela elaborada para um nativo, de forma que as obras se diferenciam conforme as necessidades linguísticas que os diferentes consulentes apresentam.

Nesse contexto e com base nos estudos posteriores nos diferentes espaços geográficos, a LEXPED começa a ser entendida como uma das vertentes da Lexicografia e ocupa-se de estudos relacionados a dicionários com fins didáticos. De acordo com Welker (2008, p. 15), eles se diferenciam das comuns pela preocupação com o aprendiz, seja de língua estrangeira ou de língua materna. Nesse sentido, os estudos nessa área, por um lado, objetivam proporcionar parâmetros para a elaboração de futuras obras lexicográficas; por outro, possibilitam trabalhos que visam ao uso do dicionário como material didático importante para o ensino.

Desse modo, uma obra elaborada na perspectiva da LEXPED precisa ter como foco principal os seus potenciais consulentes, pois, assim, espera-se atender às necessidades do público-alvo em questão em diferentes contextos de ensino e de aprendizagem. Nesse cenário, destacamos:

Levando em conta a amplitude da língua e das variedades em uso, podem-se desenvolver trabalhos com recortes sobre o léxico em funcionamento, o que permite um uni-

verso tipológico com diferentes construções e abordagens, pois o conteúdo e a forma de cada aspecto de um dicionário devem, centralmente, levar em conta quem serão os usuários e para o que eles usarão o dicionário (ATKINS; RUNDELL, 2008, p.5 *Apud*. NASCIMENTO, 2021, p.3).

Esse excerto ratifica nossa preocupação em verificar o tratamento dado às marcas diassistemáticas em dicionários escolares, cujo público-alvo é o estudante da educação básica que se encontra em processo de desenvolvimento de suas habilidades comunicativas em diferentes situações de uso da língua. Considerando esse contexto e os objetivos estabelecidos para a pesquisa, discorreremos na sequência sobre as marcas de uso a partir de uma breve, mas necessária, revisão da literatura sobre o assunto.

## Marcas de uso

As marcas de uso, na Lexicografia, são informações a respeito das particularidades de uso da língua. Mais especificamente, elas “estão estritamente ligadas à variação que a língua sofre no tempo, no espaço e em contextos de uso especializados” (STREHLER, 1998, p.1). Essa mesma conceituação pode ser identificada em Burkhanov (1998), que define marcas de uso como:

[...] tipo de indicador lexicográfico que intenta representar o uso, isto é, os limites no uso de itens lexicais em relação ao tempo, espaço ou circunstâncias comunicativas de interação ditadas pela estrutura de uma dada língua e costumes da comunidade linguística (BURKHANOV, 1998, p.256, *apud* NASCIMENTO, 2021, p.2, tradução do autor)<sup>5</sup>

5 [...] kind of lexicographic indicator intended to represent usage, the limitations on the use of lexical items according to time, place, or circumstances of communicative interactions as dictated by the structure of a given language and the customs of the linguistic community (BURKHANOV, 1998, p.256).

Porto Dapena (2002), sobre a temática, discorre sobre os diferentes tipos de marcas de uso na Lexicografia — assunto sobre o qual abordamos na sequência deste texto — assim como explica que o consulente dá pouca atenção às marcas por desconhecer o significado das abreviaturas.

Garriga Escribano (2003, p.115), por sua vez, ressalta a importância das marcas em dicionários, pois tratam-se de uma das informações mais valorizadas pelos usuários, ainda que sua disposição nos dicionários, em geral, ocorra de forma assistemática e pouco objetiva.

Pelos posicionamentos dos dois últimos autores citados, por um lado, temos o entendimento de que os consulentes dão pouca atenção às marcas por desconhecerem o significado das abreviaturas. Por outro, temos que as marcas são um tipo de informação valorizada pelos usuários, o que sugere uma atenção especial para este tipo de registro em dicionários.

Tais posicionamentos, ainda que divergentes, leva-nos a refletir sobre o assunto. Primeiro, porque temos percebido que de fato há problemas quanto ao “como” e ao “que” de fato registrar como marcas nos diferentes repertórios lexicográficos existentes. Segundo, considerando a variação linguística existente em uma língua e, sobretudo, a importância de considerá-la nos diferentes contextos de ensino e de aprendizagem de línguas, resulta coerente e necessário o registro desse tipo de informação, em especial, em dicionários pedagógicos, ou seja, voltados a potenciais consulentes que são os estudantes.

Azorín Fernández (2009), ao tratar do registro das marcas de uso em dicionários, compreende que a presença delas dentro de um repertório lexicográfico é uma didática inquestionável. Isso porque, por meio desse

tipo de informação, podemos saber se uma determinada acepção ou palavra pertence a algum registro específico, como o coloquial; ou se o emprego da UL em questão possui relação com algum estrato social — culto, rural, vulgar etc.; ou se a palavra pertence a alguma região geográfica específica, que costuma ser apresentada por meio de abreviações, como: Amér., And., Per., Esp.; ou ainda se pertence a alguma área do conhecimento especializado, como: INFOR., QUIM., GEOL. etc.

Essas marcas, como se percebe pelo apresentado em Azorín Fernández (2009) e em nossas análises na sequência deste texto, geralmente aparecem como um conjunto de rótulos nos verbetes, por meio de abreviaturas, que comumente são explicadas na *front matter*<sup>6</sup> dos dicionários. Por vezes, os rótulos empregados a essas marcas podem ser bastante confusos, como explica Borba (2003, p.15): “[...] os dicionários costumam dar esse tipo de informação por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma irregular em nossos dicionários”.

Welker (2004, p.130), sobre o assunto, explica que “[...] todos os dicionaristas e metalexicógrafos concordam que se trata de uma tarefa difícil, e vários autores constataram as divergências existentes em dicionários da mesma língua”. Em outras palavras, o registro desse tipo de informação, conforme constatações verificadas por este autor, é feito de forma assistemática, de forma que cada autor apresenta em suas obras uma ti-

6 Por *front matter*, compreendem-se as páginas iniciais de um dicionário, as que antecedem a macroestrutura. Nesta parte, podemos encontrar “[...] a apresentação da obra, instruções de uso, lista de abreviaturas, alfabeto fonético, entre outras informações que o lexicógrafo e sua equipe entendem, a partir de vários estudos e reflexões, serem necessárias para atender o público-alvo” (PEREIRA-RODRIGUES, 2020, p. 143).

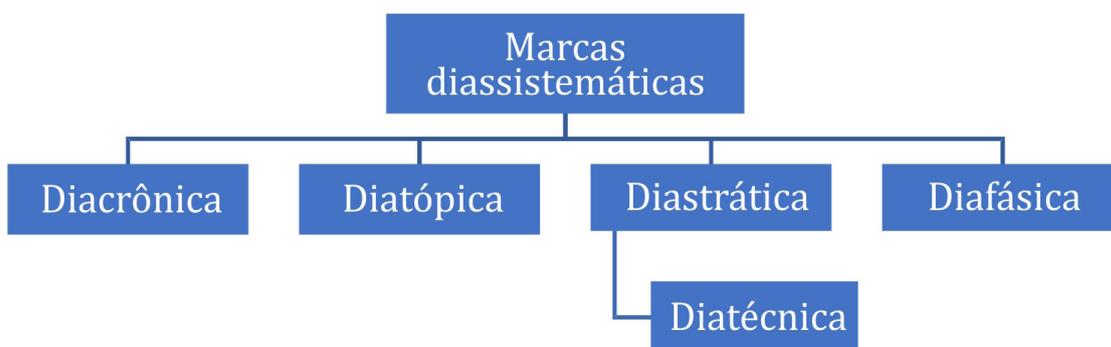
pologia de marcas e uma forma de registro, sendo por meio de abreviaturas ou por extenso.

Retomando Porto Dapena (2002, p. 249-265), especificamente sobre o que ele estabelece quanto às marcas de uso, encontramos três tipologias: i) marcas gramaticais (categoria e subcategoria da palavra); ii)

marcas de transição semântica (figurado, em particular, por exelência, etc.); iii) marcas diassistemáticas (MD), nosso objeto de estudo.

Considerando a divisão apresentada por Porto Dapena (2002) sobre as MD e Figura 1 a seguir, discorreremos mais detidamente a respeito do assunto.

**Figura 1:** Marcas Diassistemáticas



**Fonte:** Elaboração própria com base em Porto Dapena (2002).

Essas marcas, como demonstramos na sequência, possuem características que as singularizam dentro de um contexto epistemológico. Em Porto Dapena (2002), temos que as **marcas diacrônicas** seriam melhor definidas como temporais, pois, para ele, o intuito desse tipo de marcação não é apenas de atribuir a palavra a uma variedade diacrônica, mas sim indicar o seu grau de uso no momento atual em relação com seu uso antigo. Nesse contexto, encontra-se uma das problemáticas desse tipo de marca quando é preciso compreender quando uma palavra pode ser considerada como um termo em desuso, como explica o autor:

[...] implicam uma mescla de critérios ou perspectivas temporais distintas, pois por uma parte aludem a idade ou antiguidade de um vocábulo (assim, <<ant.>> = antiquado, e <<neolog.>> = neologismo) e, por outra, a seu grau de frequência ou vigência em relação com o momento atual ( por exemplo,

<<p. Usado>> = pouco usado, e <<inus.>> = inusitado). Por outro lado notemos que ambas as perspectivas são as vezes inseparáveis, como ocorre, por exemplo, no caso de o arcaísmo, que segundo o proprio DRAE , é um <<elemento lingüístico cuja forma ou significado, ou ambos de uma vez só, são antiquados em relação com um momento determinado>>, sendo por sua parte *antiquado*, de acordo com o mesmo dicionário, o <<que está em desuso há muito tempo>>; ou seja, que todo arcaísmo ou palavra antiquada supõe um uso pouco ou nada frequente [...]<sup>7</sup> (PORTO

<sup>7</sup> [...] implican una mezcla de criterios o perspectivas temporales, ya que por un lado aluden a la edad o antigüedad de un vocabulo (así, <<ant.>> = anticuado, y <<neolog.>> = neologismo) y, por otra, a su grado de frecuencia o vigencia en relación con el momento actual (por ejemplo, <<p. Usado>> = poco usado, y <<inus.>> = inusitado). Por otro lado notemos que ambas perspectivas resultan a veces inseparables, como ocurre, por ejemplo, en el caso del arcaísmo, que según el propio DRAE, es un <<elemento lingüístico cuya forma o significado, o ambos a la vez, son anticuados en relación con un momento determina-

DAPENA, 2002, p.258, tradução nossa).

Percebe-se que os dicionários em geral procuram apresentar a língua em uso e, por vezes, excluem os arcaísmos. Sobre esse assunto, Garriga Escibano (2003, p.116) apresenta importante observação sobre o porquê da inclusão dessas marcas nos dicionários. O autor traz um fragmento retirado do dicionário DEA, que registra o “léxico vivo”, em que é explicado que não é fácil declarar quando uma palavra pode ser considerada morta, pois nunca faltam escritores que por frequentarem os clássicos, ou por gosto pessoal acabam utilizando certas palavras que poderiam ser consideradas como perdidas.

As **marcas diatópicas**, por sua vez, correspondem aos registros relacionados ao uso de determinadas UL conforme o lugar, o espaço geográfico em que se encontram os falantes que as usam com mais frequência. Trata-se, pois, do registro das variações linguísticas, no nível lexical, em obras lexicográficas. Alkimin (2003, p. 34), ao discorrer sobre variação diatópica, explica que ela está “relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre os falantes de origens geográficas distintas”. Ou seja, é a variação relacionada aos usos linguísticos de determinadas UL em diferentes países que falam a mesma língua, dentro de um mesmo país, estado ou cidade.

Por meio das marcas diatópicas, pode-se identificar as ULs que designam um mesmo referente, a exemplo de mandioca, aipim e macaxeira, que são variantes brasileiras em que mineiros e paulistas costumam utilizar a lexia mandioca, enquanto cariocas e capixa-

---

do>>, siendo por su parte *anticuado*, de acuerdo con el mismo diccionario, lo <<que ha estado en desuso durante mucho tiempo>>; es decir, que todo arcaísmo o palabra anticuada supone un uso poco frecuente o nada frecuente [...]. (PORTO DAPENA, 2002, p.258).

bas usam a lexia aipim. Outro exemplo desse tipo de variação é a palavra cachaça, que possui variantes como aguardente, pinga, cana e caninha. Cachaça, por sua vez, trata-se de uma unidade identificada em todo o Brasil, como podemos conferir a partir dos dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), um projeto de pesquisa de caráter nacional, idealizado na década de 1950, que tem por objetivo descrever a realidade do português falado em território Brasileiro.

Na Lexicografia, esse registro tende a ser marcado por meio de abreviaturas que precedem à definição, ainda que alguns dicionários prefiram não abreviá-las, como explica Garriga Escibano (2003, p. 117)<sup>8</sup>. De acordo com Porto Dapena (2002, p.259-262), a lista de indicações desse tipo de marca costuma ser abrangente e costuma oferecer algumas deficiências pela ausência de algumas zonas geográficas. No exemplo dado pelo autor, a partir de análise das informações sobre as marcas diatópicas do DLE — Diccionario de la lengua española, da Real Academia Española (DRAE) —, nota-se que ele explica que, nesse dicionário, as marcas utilizadas aparecem entre aspas quando é uma abreviatura, e que, em caso contrário, entende-se que se usa o nome completo. Ademais, contesta a ausência de informações importantes, tanto de algumas zonas peninsulares como de algumas da América, posto que aparecem de forma muito diversificada em alguns países, e não em outros.

Garriga Escibano (2003, p.117), sobre o assunto, explica que a língua espanhola possui uma grande variedade linguística e que, por isso, é frequente que muitos dicionários optem por utilizar só o espanhol peninsular.

---

8 “como la mayoría de las marcas, las diatópicas se Suelen presentar en forma de abreviatura, precediendo a la definición, si bien algunos diccionarios prefieren no abreviarlas” (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 117).

Nesse caso, há os que eliminam as marcas regionais, pois fariam parte do léxico de uso geral. Há, também, aqueles que preferem utilizar uma marca menos específica, como é o caso do registro “regional”, utilizado no DLE/RAE para assinalar formas que não se estendem por todo o domínio geográfico do espanhol. No Brasil, pelo menos nas obras que temos analisado, este tipo de registro tem acontecido a partir da marca “brasileirismo”, como veremos nas análises apresentadas na sequência deste texto.

Em relação às **marcas diastrática e diafásica**, Porto Dapena (2002) explica que elas referem-se aos socioletos e estilos ou aos registros da língua. O autor afirma que sempre existiu uma grande confusão em torno desses dois aspectos linguísticos, tanto que na lexicografia tradicional convivem marcas como: <<pop.>> (popular), <<vulg.>> (vulgar), <<fam.>> (familiar) junto a <<poét.>> (poético), <<lit.>> (literário), <<formal>>, <<solene>>, <<elevado>> etc., não havendo distinção clara desses fatos linguísticos, pois as marcas nem sempre são empregadas com o rigor e a precisão que se espera de um dicionário.

Garriga Escribano (2003, p.117), por sua vez, ao refletir sobre o tema, esclarece que a tradição lexicográfica marca uma série de indicações mais ou menos imprecisas que pretendem apontar as restrições de uso que se referem ao estilo, à intenção de uso, ao nível da língua etc. Ele acrescenta ainda que, mesmo havendo dificuldade para classificar essas marcas segundo critérios rigorosos, tal procedimento se faz necessário à medida que elas possuem um grande valor prático para o consultante, pois indica o contexto de uso da lexia e a situação em que se pode utilizar aquele tipo de UL.

Tentemos, nesse contexto, delimitar essas duas marcas. A **marca diastrática**, es-

pecificamente, refere-se aos níveis de uso da língua em que o registro de fala ocorre em decorrência da convivência entre os grupos sociais. Alkimin (2003, p. 35), a respeito desse fato linguístico, explica que estes são os seguintes fatores relacionados à variação diastrática: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. Um exemplo desse tipo de variação são as diferenças nas falas de idosos e crianças, que ocorrem por conta da diferença de idade; também as diferenças nas falas de mulheres e homens em nível sintático e morfológico, como a tendência que as mulheres têm de utilizar mais palavras no diminutivo que os homens, conforme podemos verificar em Barrozo; Aguilera (2014).

Considerando “o contexto social”, e aí já nos deparamos com as **marcas terminológicas**, ou **diatécnicas**, podemos incluir a linguagem dos advogados, médicos, linguístas em suas diferentes áreas de atuação etc., ou seja, os contextos especializados. Porto Dapena (2002, p.263), sobre o assunto, explica que entre as marcas diastráticas conceituam-se as denominadas marcas de especialidade que referem-se a línguas especiais relativas às diversas ciências ou técnicas. Pontua ainda que, desse contexto, surge o nome “marcas técnicas”, que o autor considera mais adequado chamar de marcas terminológicas, pois, para ele, a intenção desse tipo de marca seria indicar que a palavra pertence à terminologia de alguma área especializada.

A marca diatécnica, que entendemos a partir de Porto Dapena (2002) estar contida na diastrática, conforme ilustramos por meio da Figura 1 alhures, tem por objetivo registrar os usos relativos a um domínio do saber ou área de conhecimento. Isso, de acordo com Guarriba Escribano (2003, p. 118, tradução nossa), “é o léxico próprio das

ciências e das técnicas que usualmente aparece acompanhado de uma marca que informa que pertence a um tecnoleto”<sup>9</sup>.

A **marca diafásica**, por sua vez, corresponde ao registro de variantes relacionadas a contextos em que “[...] os falantes usam estilos ou registros distintos em função das circunstâncias em que ocorrem as interações verbais” (ALKIMIN, 2003, p. 38). Isto é, as mudanças de estilo ou registro acontecem de acordo com o contexto comunicativo; assim, o contexto em que o falante está inserido influencia na sua comunicação e na escolha das variedades linguísticas utilizadas. Para Porto Dapena (2002 p. 262), esse tipo de variação corresponde às variedades linguísticas que representam o discurso com marcações, como: familiar, coloquial, formal, informal, solene etc.

Nos atos comunicativos do dia a dia, podemos usar como exemplo desse tipo de variação a linguagem formal e informal que utilizamos em decorrência dos contextos que nos encontramos, em que procuramos utilizar uma linguagem mais ou menos cui-

dada. Se estamos dialogando com um grupo de amigos de infância, por exemplo, tendemos a utilizar uma linguagem informal. Por outro lado, se estamos em uma atividade de conferência, palestra, escrevendo um texto acadêmico etc., precisamos adequar nossa linguagem aos objetivos inerentes ao gênero discursivo em questão. Isso exige escolhas linguísticas de maior ou menor grau de concordância com a norma-padrão do contexto comunicativo.

Como se percebe, na literatura que versa sobre a conceituação das marcas diafásica e diastrática, em especial, há entendimentos divergentes sobre o assunto, pelo menos é que temos percebido em nossos estudos. Neste trabalho, considerando a breve revisão bibliográfica realizada, assim como as análises apresentadas na sequência deste texto, apresentamos o que estamos considerando em nossas análises, em termos de distinção dessas marcas, com vistas a contribuir para um melhor entendimento desses tipos de variação linguística e seu registro em dicionários:

**Quadro 1:** Características das marcas diastrática, diatécnica e diafásica

MARCAS	Diastrática	Diatécnica	Diafásica
CARACTERÍSTICAS	Toda expressão que represente as variáveis inerentes aos distintos grupos sociais.	Toda expressão que denote ser a lexia de contexto especializado, ou seja, pertencente a uma área técnica ou científica.	Toda expressão que sugira uso formal ou informal da língua, independente do contexto.
EXEMPLOS	Classe social, idade, sexo, contexto social de um grupo não especializado etc.	Poético, literário, medicina, botânica, geografia etc.	Culto, vulgar, pejorativo, jocoso, popular, familiar, formal, informal etc.

**Fonte:** Elaboração própria.

<sup>9</sup> El léxico propio de las ciencias y de las técnicas suele aparecer acompañado de una marca que informa de su pertinencia a un tecnoleto (GUARRIBA ESCRIBANO, 2003, p. 118).

Pelo exposto, depreende-se que o registro de MD em dicionários é uma tarefa que exige conhecimentos apurados e muita pesquisa. Para que o lexicógrafo consiga estabelecer determinados usos linguísticos. Por vezes, ele precisa visitar várias outras áreas da Linguística, como a Dialectologia, a Sociolinguística, a Terminologia etc., como forma de buscar epistemologias que alicercem as escolhas de registro no processo de elaboração de um dicionário.

## Metodologia

Em conformidade com os objetivos estabelecidos para este trabalho, no que se refere às análises das obras, adotamos os seguintes procedimentos:

- i. Análise da *front matter* de dois dicionários do tipo 4 do PNLD, Bechara (2011) e Aulete (2011), com vistas a verificar se há informações sobre o tratamento dado às MD nas respectivas obras, assim como se se houver, se as informações contidas na *front matter* são coerentes com os regis-

tros nas microestruturas dos verbetes analisados;

- ii. Descrição dos registros referentes às MD a partir de verbetes concernentes ao campo semântico  *festa junina*, quais sejam: sanfona, caipira, fogueira, bandeirinha, balão e quentão, com a intenção de verificar quais e como são registradas nas obras lexicográficas analisadas, assim como se são coerentes com as informações registradas na *front matter*.

Os dicionários analisados, como já explicados brevemente na introdução deste texto, fazem parte do acervo do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD - Dicionários). Estes, de acordo com os critérios pré-estabelecidos à época da seleção dos dicionários, foram categorizados em quatro tipos, considerando o consulente, o nível de escolaridade, o volume de informações, dentre outros elementos que podem constituir um dicionário. Como podemos visualizar em Rangel (2012, p. 19), os dicionários são assim divididos:

**Quadro 2:** Tipologias de dicionários escolares de acordo com o (PNLD 2012)

TIPOS DE DICIONÁRIOS	ETAPA DE ENSINO	CARACTERIZAÇÃO
Dicionários de tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mínimo de 500 e máximo de 1000 verbetes;</li> <li>• Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial;</li> </ul>
Dicionários de tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mínimo de 3000 e máximo de 15000 verbetes;</li> <li>• Proposta na lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio da escrita quanto à organização e da linguagem típica do gênero dicionário;</li> </ul>
Dicionários de tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mínimo de 19000 e máximo 35000 verbetes;</li> <li>• Proposta lexicográfica orientada pelas características do dicionário padrão de uso escolar, porém adequadas a alunos dos últimos anos no ensino fundamental;</li> </ul>
Dicionários de tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mínimo de 40000 e máximo de 100000 verbetes;</li> <li>• Proposta lexicográfica adequada de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante;</li> </ul>

Fonte: Rangel (2012, p.19).

Com os estudos realizadas no contexto deste trabalho, para além de analisar descriptivamente o tratamento de MD nos referidos dicionários do tipo 4, buscamos enfatizar a importância desse tipo de registro nos dicionários escolares, posto que, com o conhecimento que o estudante pode adquirir sobre os usos de uma UL, ele tem a possibilidade de produzir e/ou compreender de forma mais adequada um determinado discurso.

## Apresentação e análise dos dados

Nesta seção, discorreremos sobre as análises que nos propomos. Para tanto, com vistas a compreender de que forma as MD são apresentadas nos dicionários, primeiro, traremos o que há de registro a respeito das marcas dissistemáticas na *front matter*; depois, analisamos os verbetes referentes às UL elencadas para este estudo.

No dicionário Aulete (2011, p. 10), em “Riqueza de elementos léxicos e de contextualização”, há que “um grande acervo de informações suplementares que ampliam o campo semântico (sinônimos, locuções e expressões idiomáticas, estrangeirismos, registros da origem ou formação do vocábulo [etimologia])” são registradas.

Buscando esclarecer os diferentes usos, tais como regionalismos, níveis de uso, áreas do conhecimento, entre outros, em “indicação de contexto”, também são trazidas algumas informações a respeito das marcas:

A boa percepção do uso de um vocábulo em determinada acepção está, muitas vezes, ligada à identificação do contexto em que esse uso se verifica. Este dicionário abunda na localização desses contextos, divididos em três grandes grupos, em sua ordem hierárquica: 11a) **regionalismo**: indica quando a acepção é restrita a ou mais frequente em determinada área geográfica

(especialmente estados e regiões do Brasil, ou o Brasil, ou Portugal, ou outro país lusófono: 11b) **nível de uso da língua**: indicam em que contexto (familiar, social, cronológico etc.) a acepção tem curso, com, por exemplo, se é assim usada no âmbito da família (Fam.), se é pouco usada (Pus.), se é de uso popular (Pop.), se é de uso pouco recomendável por ser chula (Tabu.) etc.: 11e) **rubrica**: indica em que área disciplinar, profissional, científica etc. o vocábulo tem tal acepção, como a astronomia, a física, a medicina, as artes plásticas etc. Todas essas indicações podem constar dentro de uma acepção, quando restritas a ela, ou no início do verbete, quando se referem a todas as acepções. São grafadas em abreviaturas, em itálico, com inicial maiúscula e seguidas de ponto. A lista das respectivas abreviaturas consta na lista de rubricas e de usos e regionalismo, no fim deste texto de como usar (AULETE, 2011, p. 11)

No dicionário Bechara (2011, p. 12), encontramos, em “especificações de contexto”, a indicação que os contextos de uso se dão em três áreas:

1. Regionalismo (*Amaz, N.E., S., etc.*) — indica uma maior frequência de uso de uma acepção em determinada área geográfica;
2. Nível de linguagem (*Pop., Pej., Joc., etc.*) — indica a conotação ou circunstância em que a acepção é usada;
3. Área do conhecimento — as rubricas (Med, Fís, Ecol, etc.) especificam o assunto ou área técnica em que a palavra possui aquela definição.

Dando sequência aos procedimentos de análise, nos quadros abaixo, apresentamos as marcas de uso registradas nos dicionários a partir dos destaques na cor verde que fizemos nas microestruturas dos verbetes, para, na sequência, registramos nossas considerações analíticas.

**Quadro 3:** Verbetes Sanfona

AULETE	BECHARA
<p><b>Sanfona</b> (san.fo.na) sf.1. <b>Bras. Pop. Mús.</b> Ver <i>acordeão</i> 2. <b>Bras. Mús.</b> Ver <i>concertina</i> 3. <b>Bras.</b> Acabamento feito com um ponto para frente e outro para trás, us. em malhas de tricô 4. <b>Bras.</b> P.ext. A malha onde se fez tal acabamento 5. Utensílio deferreiro s2g. 6. Pessoa impertinente 7. <b>Pop.</b> Indivíduo insignificante, desprezível a2g. 8. Diz-se de efeito que ocasiona perda e ganho de peso repetidas vezes e de modo consecutivo (efeito <i>sanfona</i>) [F.: Deriv. regress. de <i>sanfonina</i>]</p>	<p><b>Sanfona</b> (san.fo.na) sf. <b>Mús.</b> Ver <i>acordeão</i>. ° [Do lat. <i>Symphonia</i>, ae, por via pp.]</p>

**Fonte:** Elaboração própria

Pelo exposto, verifica-se que o verbe- te *sanfona* foi contemplado nos dois dicio- nários analisados, com um maior registro de MD no dicionário Aulete, que apresenta quatro marcas diatópicas: “Bras.” (Brasilei- rismo); duas marcas diafásicas apresenta-

das por meio das abreviaturas “Pop. (Popu- lar) (marca diafásica)”; além de dois regis- tros da marca diatécnica: “Mús.” (Música). O dicionário Bechara, por sua vez, apresenta apenas uma marca diatécnica indicada pela abreviatura “Mús.” (Música).

**Quadro 4:** Verbetes Caipira

AULETE	BECHARA
<p><b>Caipira</b> (cai:pi.ra) a2g. 1. Próprio da roça, do interior ou de caipira (6) (linguajar <i>caipira</i>; jeito <i>caipira</i>). 2. Que vive na roça, no interior, e tem modos simples (por vezes rudes) e pouca instrução; CAPIAU [Nesta acp., us. às vezes com noção pej.] 3. <b>Pop. Joc. Pej.</b> Diz-se de indiv- íduo pouco sociável, sem traquejo no convívio social 4. Fig. Ref. a ou próprio de festa junina (traje <i>caipira</i>) 5. <b>Avic. Vet.</b> Diz-se do frango criado segundo normas específicas que asseguram o bem-estar da ave durante sua criação e a qualidade de sua carne, livre de qual- quer tipo de substância prejudicial à saúde (resíduos antibióticos, dioxinas etc.) s2g. 6. Indivíduo que vive na roça, ger. de modos simples e rústicos e pouca instru- ção; CAPIAU; JECA [Nesta acp., us. às vezes com noção pej.] 7. <b>Bras.</b> Pessoa nascida ou que vive em regiões ru- rais, esp. no interior dos estados de São Paulo, e que ger. vive de pequena agricultura, em terras que não lheber- tencem 8. P.ext. <b>Pop.</b> Indivíduo muito simples e rústico, nas maneiras e no vestir; JECA; MATUTO; SQUAREMA 9. <b>Pop. Joc. Pej.</b> Indivíduo pouco sociável, sem traquejo no convívio social [F.: De or. contrv., posv. do tupi.]</p>	<p><b>Caipira</b> (Ca:i.pi.ra) <b>adj. Bras.</b> 1 Diz-se do que ou quem é do interior, da zona rural; capiau, matuto. 2 <b>Pop.</b> Que é tímido, acanhado. s.2g. 3 Aquele que reside na zona rural, ger. De pouca instrução e vida rústica; jeca, capiau, matuto. 4 <b>Pop.</b> Qualquer pessoa simplória [Col.: caipirada.] ° [De or. Controv.]</p>

**Fonte:** Elaboração própria

O dicionário Aulete apresenta registros de dez MDs, sendo uma diatópica: “Bras.” (Brasileirismo); sete diafásicas: três “Pop.” (Popular), duas “Joc.” (Jocoso), duas “Pej.” (Pejorativo); e duas diatécnicas: “Avic.” (Avicultura) e “Vet.” (Veterinária). Já o dicionário Bechara apresenta três registros de MD, sendo uma marca diatópica “Bras.” (Brasileirismo); e duas diafásicas: “Pop.” (Popular).

#### Quadro 5: Fogueira

AULETE	BECHARA
<p><b>Fogueira</b> (fo.guei.ra) sf. 1. Monte de lenha ou de outro combustível em que se atea fogo. 2. Suplício que consistia em queimar viva uma pessoa: Giordano Bruno foi condenado à fogueira pela Santa Inquisição. 3. Fogo, fogaréu. 4. Fig. Dificuldade, apuro, aperto: deixar alguém na fogueira. 5. Fig. Exaltação, ardor. 6. <b>Bras.</b> Ict. Peixe marinho (<i>Myripristis jacobus</i>); OLHO-DE-VIDRO 7. Estrutura para prover apoio a algo em ponto acima do chão, e feita de camadas de pares de dormentes paralelos, cada camada perpendicular à que se lhe segue; GAIOLA [F.: Do lat. focaria.] Na fogueira 1 Ver No fogo no verbete fogo. Pular uma fogueira 1 Fig. Vencer ou contornar dificuldade, obstáculo etc.</p>	<p><b>Fogueira</b> (Fo.guei.ra) sf. Monte de lenha, galhos de árvores ou pedaços de madeira em que se atea fogo. ° [Do lat. *focaria (por focaria, ae).]</p>

Fonte: Elaboração própria

O verbete *fogueira* no dicionário Aulete apresenta apenas uma marca diatópica: “Bras.” (Brasileirismo); e no dicionário Bechara não há nenhum tipo de marca no verbete.

#### Quadro 6: Bandeirinha

AULETE	BECHARA
<p><b>Bandeirinha</b> (ban.dei.ri.nha) sf. 1. Pequena bandeira. s2g. 2. <b>Bras. Fut.</b> Árbitro assistente, que, da lateral do campo, acena com uma bandeira para sinalizar ao árbitro principal apontando infrações, principalmente impedimentos, e/ou a saída da bola pela lateral ou pela linha de fundo; BANDEIRA; JUIZ DE LINHA 3. Cada um de uma série de pequenos pedaços de papel ou plástico, de formato característico e cores variadas, colados pelo topo a um barbante, us. para ornamentar festas: <i>As bandeirinhas de são João enfeitam o pátio</i>. 4. <b>Ent.</b> Designação comum a diversas espécies de borboletas da fam. dos licenídeos, esp. do gên. <i>Thecla</i>. 5. <b>Ict.</b> Peixe teleósteo, o mesmo que <i>bandeira-paulista</i>. 6. <b>Ornit.</b> Espécie de beija-flor (<i>Discosura longicauda</i>) verde brilhante, com uma cinta esbranquiçada no dorso. <b>Bras.</b> Ornit. Ave passeriforme, o mesmo que <i>bonito-do-campo</i>. <b>Pol.</b> Político que troca facilmente de partido; VIRA-CASACA [F.: <i>bandeira</i> + <i>-inha</i>.]</p>	<p><b>Bandeirinha</b> (ban.dei.ri.nha) s.2g 1 <b>Bras. Fut.</b> Assistente de árbitro que, das laterais do campo, aponta infrações com uma bandeira; bandeira. <b>Sf. 2</b> Pequena bandeira; bandeirola ° [De bandeira + <i>-inha</i>]</p>

Fonte: Elaboração própria

No dicionário Aulete, *Bandeirinha* possui duas acepções com a marca diatópica: “Bras.” (Brasileirismo); cinco diatélicas: “Pol.” (Política), “Ent.” (Entomologia), “Fut.”

(Futebol), “Ict.” (Ictiologia), “Ornit.” (Ornitologia). No dicionário Bechara, há duas marcas, sendo uma diatélica: “Fut.” (Futebol) e outra diatópica: “Bras.” (Brasileirismo).

**Quadro 7:** Verbete Balão

CALDAS AULETE	BECHARA
<p><b>Balão</b> (ba.lão) sm. 1. <b>Aer.</b> Aeróstato ger. de forma esférica, us. como transporte e ° [em medições atmosféricas, meteorológicas etc. 2. Artefato de papel fino, de formas variadas, que se faz subir, ger. nas festas juninas, por força do ar quente produzido em seu interior por buchas acesas. 3. Artefato de borracha ou de plástico, em forma de pequeno saco, que se enche de ar ou de um gás mais pesado que o ar e adquire formas diversas (de esfera, pêra, salsicha, coração etc.), us. em decoração de festas e como brinquedo infantil; BALÃO DE GÁS; BEXIGA; BOLA DE GÁS 4. Nas histórias em quadrinhos e fotonovelas, espaço arredondado com uma ponta alongada ou bolinhas na direção de cada personagem, e que contém as falas ou pensamentos deles. 5. <b>Fut.</b> Jogada em que a bola é lançada por cima da cabeça do adversário e recuperada em seguida pelo jogador que a lançou. 6. <b>Quím.</b> Frasco esférico, com um ou mais gargalos, us. para diversas operações. 7. Qualquer objeto esférico; BOLA; ESFERA; GLOBO 8. <b>Bras.</b> Ponto ou trecho de uma rua ou estrada onde os veículos manobram para retornar; RETORNO 9. <b>Bras.</b> Montão cônico, formado por camadas de lenha ou madeira, entremeadas de terra, e que tem um buraco no vértice por onde se lança o fogo para fabricar carvão, ger. no mesmo lugar onde se corta a madeira; CAIEIRA; CARVOEIRA 10. <b>Pop.</b> Notícia falsa ou exagerada. 11. Esp. Em lutas corporais, golpe que consiste em lançar o adversário por cima do próprio corpo. [Pl.: -lões.] [F.: Do fr. <i>ballon</i>] ☒ ~ <b>cativo</b> 1 Balão contendo hélio ou hidrogênio, preso à terra por um cabo, us. como barragem aérea ou para observações militares. 2 Mesmo tipo de balão acima, us. para fins de publicidade. ~ <b>de anestesia</b>. 1 <b>Med.</b> Espécie de bolsa de borracha presa a máscara que cobre nariz e boca de um paciente, para recolher sua expiração ou ministrar gás para sua inspiração ~ <b>de oxigênio Med. Pop.</b> Cilindro de aço-carbono munido de válvula de controle, medidor de fluxo e máscara, que contém oxigênio, us. para auxiliar a oxigenação de pacientes com dificuldade respiratória. ~ <b>dirigível</b> Aeróstato, grande balão cheio de gás mais leve que o ar, munido de motor(es) de propulsão a hélice e de sistemas de direção, us. como meio de transporte, publicidade etc. ~ <b>japones</b> Balão de papel de pequenas dimensões, que cai quando sua bucha de cera se apaga.</p>	<p><b>Balão</b> (ba.lão) sm. 1 Veículo movido a gás para transporte aéreo e medições meteorológicas. 2 Objeto feito de papel fino, de vários tamanhos, que sobe aos céus graças ao ar quente produzido em seu interior por uma bucha. 3 Objeto inflável, de vários formatos e materiais, us. Como brinquedo infantil ou para ornamentar festas de aniversário; bexiga. 4 Nas histórias em quadrinhos, espaço mais ou menos circular, dentro da qual se escrevem diálogos e pensamentos dos personagens. 5 <b>fut.</b> Lance em que um jogador passa a bola para cima da cabeça do adversário, retomando -a mais à frente [Pl.: balões.] ° [Do fr. <i>ballon</i>]</p>

Fonte: Elaboração própria

O dicionário Aulete apresenta para *Ba-lão* cinco marcas diactécnicas: duas “Med.” (Medicina), e uma para cada umas das marcas seguintes — “Aér.” (Aeronáutica), “Fut.” (Futebol), “Quím.” (Química); duas diatópi-

cas como “Bras.” (Brasileirismo); duas diafásicas, como “Pop.” (Popular). O dicionário Bechara, por sua vez, apresenta apenas uma marca diatécnica na acepção 5 do verbete representada pela abreviatura “Fut.” (Futebol).

#### Quadro 8: Verbetes Quentão

CALDAS AULETE	BECHARA
<b>Quentão</b> (quen. <i>tão</i> ) sm. 1. Bras. Bebida feita com vinho, ou cachaça, açúcar, gengibre e canela, e servida quente. 2. Qualquer bebida forte e quente. [Pl.: -tões.] [F.: <i>quente</i> + <i>-ão</i> ]	<b>Quentão</b> (quen. <i>tão</i> ) sm. Bras. Aguardente fervida com açúcar, gengibre e canela. [Pl.: quentões.] ° [De quente + <i>-ão</i> <sup>1</sup> .]

Fonte: Elaboração própria

Nos verbetes de *Quentão*, como se percebe pelos registros no Quadro 7, nos dois dicionários, há apenas a marca diatópica: “Bras.” (Brasileirismo).

Pelas descrições apresentadas, verifica-se que, em Bechara (2011), houve menos registros de MD (08 ocorrências), o que se justifica, se consideramos que houve também menos registros de acepções nas microestruturas dos verbetes. No dicionário Aulete (2011), diferentemente, há diversas acepções para os lemas que utilizamos em nossas análises, de forma que identificamos um maior número de registros de MD (35 ocorrências). Das marcas, sobre as quais discorreremos neste artigo, de acordo com a classificação apresentada por Porto Dapena (2002) e com a caracterização que apresentamos no Quadro 1, as únicas não contempladas nos verbetes investigados foram as diacrônicas e as diastráticas.

Em relação à marca diacrônica, acreditamos que o não registro se justifica porque, como já mencionamos anteriormente na seção “marcas de uso” deste texto, elas são pouco contempladas nos dicionários atuais que, geralmente, objetivam registrar a língua em uso; e como as ULs analisadas são frequentes no léxico da língua portuguesa,

não haveria a necessidade desse tipo de registro.

As marcas diatópicas, registradas de forma importante nos dois dicionários analisados, são apresentadas de acordo com o que estamos denominando neste texto de “perspectiva macroespacial”, por meio da abreviatura “Bras.” (brasileirismo). Ainda que tal procedimento seja digno de reconhecimento, considerando que o Brasil é um país continental com regiões diversas, com características e usos linguísticos distintos e, por isso, seria muito salutar que as marcas diatópicas fossem fornecidas aos consultantes numa “perspectiva microespacial”, consoante as diferentes regiões brasileiras, em suas características socio-linguístico-culturais que, por sua vez, são refletidas no léxico da língua.

Quanto às marcas diastrática, diatécnica e diafásica, os dados ratificam a problemática decorrente da falta de precisão conceitual existente para essas unidades terminológicas e, conseqüentemente, seu registro em dicionários.

A marca diatécnica, por exemplo, como já explicado anteriormente, pode estar contida na marca diastrática, visto que esta última corresponde ao registro de fala que ocor-

re em razão da convivência entre os grupos sociais, o que pode incluir os ambientes de trabalho técnico e científico. Em todos os verbetes analisados, como depreende-se pelo exposto, as marcas diatécnicas ficam em evidência, tanto que obtivemos um total de 17 ocorrências.

Quanto às marcas diafásicas, identificamos um total de 15, o que consideramos importante. Porém, se tentarmos compreender o porquê da falta de registros de marcas diastráticas, como demonstramos em nossas análises, podemos estar diante de uma temática que pode ser ainda mais desenvolvida em outras pesquisas sobre o assunto, posto que a diferença conceitual entre as marcas diastrática e diafásica, pelo jeito, sempre suscitou reflexões teóricas, como podemos constatar em Strehler (1998), Vilarinho (2017) e Bertoinha (2020).

Pode-se justificar este fato em decorrência de que a marca “Pop.” (Popular) costuma ser classificada como diafásica, como o fizemos, seguindo o que os dicionários brasileiros apresentam. Strehler (2011, p. 111), sobre o assunto, esclarece que “a natureza da variação caracterizada “pop” nos dicionários brasileiros é mais claramente diafásica que a francesa que se pode caracterizar como diastrática, ao menos nos dicionários Robert”. Nos dicionários Robert, por exemplo, há a atribuição de “pop” a acepções que se empregam “em meios populares, [...] mas não elevados”.

O que se averigua, com esses procedimentos, é que existe uma assistemática de no que concerne ao registro das marcas diassistemáticas em dicionários e também ao que se entende por cada uma das marcas mencionadas neste texto. Diante disso, o consulente acaba confundindo a informação que estaria presente para auxiliá-lo na com-

preensão dos sentidos e usos registrados nos verbetes.

Nesse contexto, buscamos o entendimento de Welker (2004, p.134 -135), que compreende que um sistema de marcação consistente é imprescindível e que seria desejável que houvesse mais marcas de uso do que ocorre na maioria dos dicionários. Isso porque elas são imprescindíveis quando se precisa de ajuda na produção de textos, mas também na compreensão, pois sem elas não se alcança uma compreensão exata do texto, a depender, lógico, do contexto de produção e intenções comunicativas do estudante.

O dicionário escolar, nesse contexto, pode cumprir seu papel fornecendo informações sobre o uso das lexias conforme as características diassistemáticas que lhes são inerentes. Desse modo, contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa do estudante, de acordo com suas necessidades contextuais de produção e/ou compreensão.

Outrossim, ressaltamos que a presença desse tipo de informação nos dicionários escolares, somadas à definição e exemplo de uso, em especial, facilita a resolução de possíveis dúvidas que o potencial consulente (o estudante) venha a ter. Ademais, pontuamos que, ao realizar algum tipo de atividade de leitura, escrita ou até mesmo em um contexto de fala, o consulente poderá recorrer ao dicionário, um importante material didático que pode ser ainda melhor explorado nos diferentes contextos de ensino e de aprendizagem.

Mesmo identificando que as marcas de uso já fazem parte da produção lexicográfica moderna, assim como Pontes (2012), entendemos que, se registradas de forma adequada ou não nos dicionários que temos à disposição, elas se apresentam de diferentes formas nos dicionários e constituem

uma informação importante para os usuários, pois refletem a língua em uso e suas aplicações.

## A modo de conclusão

Levando-se em consideração as análises e as discussões apresentadas neste artigo, procuramos apresentar um estudo inicial sobre as marcas diassistemáticas empregadas em dois dicionários escolares de tipo 4: Bechara (2011) e Aulete (2011), como forma de verificar como se dá o registro dessas informações em dicionários escolares. Desse modo, buscamos instigar a realização de novas pesquisas sobre o assunto, o que acreditamos contribuir para o entendimento da importância desse tipo de informação em dicionários pedagógicos.

As análises demonstraram que o dicionário Aulete (2011), em relação ao Bechara (2011), possui uma maior quantidade de marcas diassistemáticas, o que demonstra ter havido, por parte da equipe de lexicógrafos, um olhar mais atento a esse aspecto durante o labor lexicográfico.

No que se refere à verificação dos registros na *front matter*, em comparação com os registros disponíveis nas microestruturas dos verbetes analisados, identificamos coerência entre as partes das obras, posto que as orientações disponíveis na *front matter* estão adequadas aos registros nos verbetes.

O que se verifica, no entanto, é a problemática referente à representação espacial das marcas diatópicas, apresentadas apenas como “Bras.” (Brasileirismo), como se uma UL, ao ser marcada com esta rubrica pertencesse a todo o território nacional. Sabemos, como demonstramos por meio dos exemplos apresentados aos discorrermos sobre as marcas diatópicas, que uma lexia é utilizada em maior ou menor grau em determinadas regiões, ou mesmo nem conhecidas

em outras. Isso significa que, em um dicionário pedagógico, faz-se necessário o registro das marcas diatópicas também numa perspectiva microespacial.

Tendo em vista que as marcas de uso são informações registradas nos dicionários para contribuir com o usuário, no que concerne à compreensão de uma UL, em termos de uso adequado ao contexto circundante, elas podem ser empregadas conforme as necessidades dos consulentes. Como esclarece Pereira (2018, p. 194) “[...] o conhecimento de diferentes aspectos de uma UL torna-se essencial em diversas situações de comunicação”, porquanto o desconhecimento de um ou outro aspecto da UL em questão dificulta o aprendiz de dar continuidade em sua atividade de compreensão ou recepção com maior competência.

Por isso, em um contexto escolar, o dicionário pode e deve ser entendido e utilizado como um importante material didático que proporciona diferentes informações sobre a língua. Ele contribui, nesse sentido, para a melhoria da comunicação do aluno, permitindo que este realize atividades de produção oral e/ou escrita com maior propriedade, sem correr o risco de utilizar uma UL de forma inadequada ao contexto em questão.

Nesse enquadre, finalizamos este artigo com o desejo de ter contribuído, ainda que minimamente, com mais um estudo lexicográfico, cujos resultados demonstram a necessidade de mais pesquisas sobre o assunto, sobretudo no que tange à problemática relacionada à tênue diferença entre as marcas diastrática e diafásica e seus registros em repertórios lexicográficos, tanto de língua materna como de línguas estrangeiras.

## Referências

ALKIMIN, Tânia, Maria. Sociolinguística – Parte I. In.: MUSSALIM, F. & BENTES, (ed.) **Introdu-**

**ção à Linguística.** São Paulo : Cortez, 2001.

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In. MUSSALIM, F., BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 21-47.

ATKINS, Beryl; RUNDELL, Michael. **The Oxford Guide to Practical Lexicography.** New York: Oxford University Press, 2008.

AULETE, Caldas. Aulete Digital – **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa:** Dicionário Caldas Aulete, vs online, acessado em 22 de Abril de 2022.

AZORÍN FERNANDEZ, Dolores. Las Marcas de Uso en los Diccionarios Monolingües Destinados a la Enseñanza de ELE. Universidad de Alicante. **XX Congreso Internacional de la Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera (ASELE)**, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-ElEspanolEnContextosEspecificos-656095.pdf>. Acesso em: 13 de julho de 2022.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do Português Brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BARROZO, A. T. AGUILERA, V. A. Sexo e Linguagem: Uma Análise a Partir das Sabatinas dos Ministros do Supremo tribunal Federal Joaquim Barbosa e Rosa Weber. In. **Revista da ABRALIN**, v.13, n.1, p. 13-38, jan./jun. 2014.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BERTONHA, Fábio, Henrique de Carvalho. Marcas de uso em dicionários escolares tipo 2. **Forum linguistic.** Florianópolis, v 17, n.3, p. 5004 – 5017. Jul./set, 2020.

BIDERMAN, M. T. C. As Ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia.** 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001. p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri, OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. **As ciências do léxico: lexicografia, lexicologia, terminologia.** Campo Grande: Editora da UFMS, 1998, p. 11-20.

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: RIO-TORTO, G. et al.(org.) **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela.** Vol. 2. Porto (Portugal): Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 747-757.

BORBA, F. S. Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia. São Paulo, **UNESP**, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica Com direito à palavra: dicionários em sala de aula / [elaboração Egon Rangel]. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

BURKHANOV, Igor. Lexicography: A Dictionary of Basic Terminology. 1998, 285 pp. ISBN 83-87288-56-X. **Rzeszów: Wyższa Szkoła Pedagogiczna.** Price 16 PLN.

COSERIU, Eugenio. **Princípios de semântica estrutural.** Madrid: Editorial Gredos, 1981, p. 210-242.

DICTIONNAIRES LE ROBERT. **Le Petit Robert 1.** Paris: Dictionnaires Le Robert. (1991).

ERES FERNÁNDEZ, Gretel. Entre enfoques y métodos: algunas relaciones (in)coherentes en la enseñanza de español lengua extranjera. In.: BARROS, Cristiano Silva de; COSTA, Elzimar Goettenauer de Marins. Espanhol: **ensino médio.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FARJADO AGUIRRE, Alejandro. Palabras anticuadas y palabras nuevas en el diccionario: problemas de marcación diacrónica en la lexicografía española. **Revista de Filología de la Universidad de La Laguna**, nº 15, 1997, págs. 51-57.

GERMAIN, Claude. [1981] La semántica funcional. **Versión española de José Antonio Mayoral.** Madrid: Editorial Gredos, 1986, p. 37-99.

MARTÍNEZ, Marcos. **Definición del concepto campo em semântica: antes y después de la lexemática de E. Coseriu.** *Odisea*, nº 3, 2003, p. 101-130. Disponible em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/ODISEA/article/view/84/75>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

MOLINA GARCÍA. Fraseología Bilingüe: **un enfoque lexicográfico-pedagógico.** Granada: Comares, 2006.

MORANTE VALLEJO, R. **El desarrollo del conocimiento léxico en segundas lenguas**. Madrid: Arco Libros, S.L., 2005.

NASCIMENTO, Ivan Pedro Santos. Marcas de uso em dicionários dialetais brasileiros do século xx. **Revista Philologus**, Ano 27, n. 79 Supl., Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2021.

PEREIRA, Renato Rodrigues. Estrutura Lexicográfica. In. PEREIRA, Renato Rodrigues. O dicionário pedagógico e a homonímia: em busca de parâmetros didáticos. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2018.

PEREIRA, Renato Rodrigues; NADIN, Odair Luiz. Dicionário enquanto gênero textual: por uma proposta de categorização. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, 41(1), 2019. <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v41i1.43835>

PORTO DAPENA, J. Á. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Gredos, 2002.

REY, Luís - **Dicionário de termos técnicos de medicina e saúde**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2003. 950p. ilustr. ISBN 85-277-0848-5.

REY, Luís - **Dicionário de termos técnicos de medicina e saúde**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2003. 950p. ilustr. ISBN 85-277-0848

RODRIGUES-PEREIRA, Renato. **Parâmetros para a organização lexicográfica de formas homônimas homófonas não homógrafas destinadas a dicionários pedagógicos**. In RODRIGUES-PEREIRA, Renato; COSTA, Daniela de Souza Silva. Estudos em lexicografia: aspectos teóricos e práticos (Orgs). Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 137-159.

RODRIGUES-PEREIRA, Renato; COSTA, Daniela de Souza Silva. **Estudos em lexicografia: as-**

**pectos teóricos e práticos** (Orgs). Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

Rodrigues-Pereira, Renato; Zacarias, Regiani Aparecida dos Santos, & Nadin, Odair Luiz. Léxico, ensino e suas interfaces. **Revista GTLex**, 5(1), 2020 [2019], 6–22. <https://doi.org/10.14393/Lex9-v5n1a2019>.

SAPIR, Edward. **A Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SANTOS, H. L. G. dos; PONTES, A. L.; PRAXEDES FILHO, P. H. L. Marcas de uso e redes medioestruturais de verbetes sobre homossexual masculino em dicionários escolares. **Domínios de Lingu@gem**, [S. l.], v. 12, n. 4, p. 2384–2410, 2019. DOI: [10.14393/DL36-v12n4a2018-17](https://doi.org/10.14393/DL36-v12n4a2018-17). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41313>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SANTOS GARGALLO, I. **Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera**. Cuadernos de Didácticas del español/LE. Madrid: Arco/Libros, S.L., 2017.

STREHLER, R. G. As marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 1998. p. 171-180.

VILARINHO, M. M. de O. Marcas de uso: estudo e proposta. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, v.59, n2, p.375-396, Campinas-sp, 2017.

WELKER, H. **Dicionários – uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

WELKER, H. A. **Panorama geral da lexicografia pedagógica**. Brasília: Thesaurus, 2008a.

*Recebido em: 14/07/2022  
Aprovado em: 10/09/2022*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.